

**E**XISTE, no jornal em que trabalho, como existe em muitos jornais, um redator essencialmente agrícola. É um homem encarregado de explicar diariamente aos seus leitores qual o melhor meio de plantar batatas. Recebe do interior misteriosos embrulhinhos registrados, contendo lagartos, pedacinhos de raízes e punhados de terra, para opinar sobre esses objetos. E opina. É um officio heróico, remediar à distância a dôr de barriga de um porco ou matar os insetos que atacam um pé de abacate situado há noventa e cinquenta quilômetros da redação do jornal.

Na sua correspondência de hoje, o meu colega recebeu uma carta que o deixou profundamente triste. Passou-a à minha mesa, dizendo que eu devo respondê-la. Na sua opinião, eu sou um literato, e a carta é de literata. Veio de Lençóis. Quem a assina já me dirigiu várias cartas que não

# A CARTA

RUBEM BRAGA

respondi. É uma senhorita que, estando profundamente sem ter o que fazer, diverte-se escrevendo cartas anônimas a todos os jornalistas. Enfim: uma senhorita sem caráter, uma senhorita patife.

Creio que mora em alguma fazenda, onde se entrega à contemplação da natureza e à leitura dos bons livros. Ela mandou dizer ao meu colega agrícola. — Fajardo da Silveira — que está procurando se consolar, no campo, das mágoas que a cidade lhe causou. E pede conselhos minuciosos a respeito. Fajardo da Silveira esteve quase respondendo. Chegou mesmo a redigir algumas frases, e veio me consul-

tar. Disse que era "um assunto puramente humano", do qual não entendia. E explica:

— "Responda você, literato, que é entendido em senhoritas. Prometo ajudá-lo quando o consultarem a respeito de vacas ou de cebolas".

Eu me neguei a atendê-lo e ele passou a outras mesas da redação. O redator social declarou-lhe:

— "Quando esta senhorita ficar noiva, casar, ou tiver um filho, eu tratarei dela".

O reporter policial rugiu:

— "Mate esta moça, ou pelo menos, arranque-lhe a orelha esquerda. Eu publicarei o seu retrato no jornal".

O crítico musical exigiu que

ela tocasse harpa ou trombone; o reporter político sugeriu que ela fizesse um discurso, e o esportivo, que ela atravessasse o canal da Mancha.

Fajardo da Silveira berrou:

— "Trata-se de uma senhorita pacata, que jamais praticará violência semelhante. Todavia, é preciso que ela seja atendida. Também não posso fazer nada, porque ela não é uma abóbora nem uma euforbiácea".

Disse, pôs a carta novamente sobre a minha mesa e postou-se em minha frente ralvoso. Mas eu também não sei o que fazer com essa miserável senhorita literata e rural. Já estive ensaiando várias respos-

tas, mas nenhuma serve absolutamente. Fajardo da Silveira acaba de sair, desanimado e disposto a tudo. Deixou comigo as frases que redigiu e que ele mesmo não julgou boas para serem publicadas em sua seção de "Vida Agrícola".

Eu as publico aqui, porque não tenho outra solução. Eilas:

"I. F. — Lençóis — Nesta seção, senhorita, não posso cuidar de literatura. A tristeza de sua alma, infelizmente, me interessa menos que a tristeza do gado "vaccum". Passe bem."

Também acho que isto não é delicado. Não se deve falar em gado "vaccum" quando se escreve a uma senhorita. Além disso, aquêlê "passe bem" final tem um tom visivelmente feroz. Mas não se pode fazer nada razoável com uma senhorita que tem a mania de escrever aos jornais.

Fev. 51

"Mim do Isolamento"

385